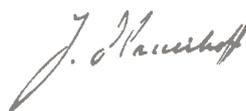


# Ponto de Refúgio e Inspiração

Macau na Obra  
do Escritor Neerlandês  
Jan Jacob Slauerhoff  
(1898-1936)

ARIE POS\*

“Tinha ouvido dizer que em Macau ainda se encontravam muitas curiosidades de tempos antigos, igrejas, monumentos, etc., uma gruta onde um poeta tinha vivido e composto um poema grande sobre as viagens de Vasco da Gama. Mas quem é que vai ver isso?”

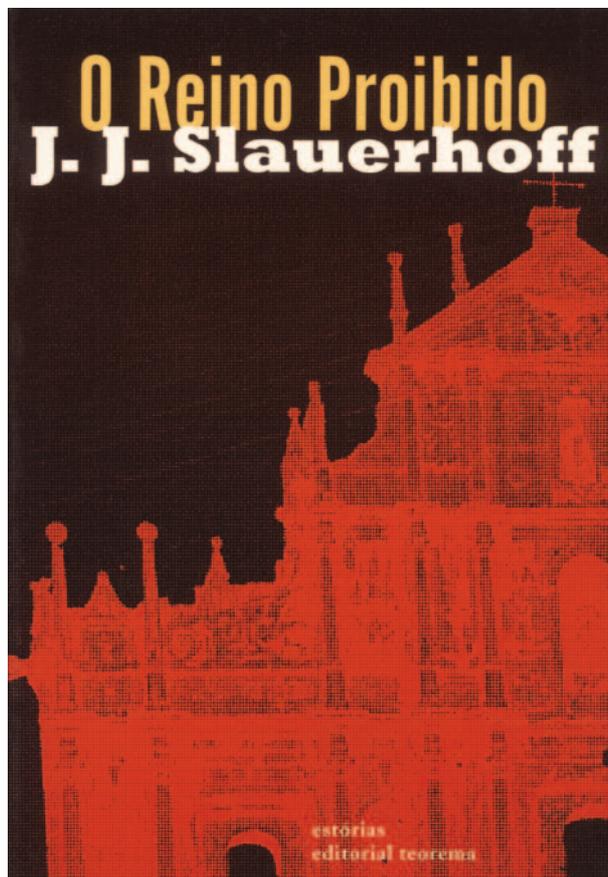
 (O Reino Proibido)

Durante uma estadia em Lisboa ou numa viagem profissional num dos navios da Lloyd Real Holandesa, Slauerhoff teria travado conhecimento com Albino Forjaz de Sampaio (1884-1949), homem de letras português que na altura – estamos no ano de 1930 – redigia uma *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*.

---

\* Natural da Holanda e desde 1989 residente em Portugal, formou-se em Literatura Neerlandesa e Literatura Comparada pela Universidade de Leiden. É docente de literatura neerlandesa na Universidade de Coimbra e tradutor, especializado em literatura de viagens do século XVI e literatura moderna neerlandesa. Traduziu para neerlandês obras de, entre outros, Fernão Mendes Pinto, Camilo Pessanha, Miguel Torga, Jorge de Sena e José Cardoso Pires, e para português obras de, entre outros, Jan Huygen van Linschoten (com Rui Manuel Loureiro), J. J. Slauerhoff e Cees Nooteboom (com Patrícia Couto).

*Born in Holland, resident in Portugal since 1989, he took a degree in Dutch Literature and Comparative Literature from Leiden University. He teaches Dutch Literature at the University of Coimbra and is a translator, specializing in 16<sup>th</sup> century travel literature and modern Dutch literature. He has translated into Dutch works by Fernão Mendes Pinto, Camilo Pessanha, Miguel Torga, Jorge de Sena and José Cardoso Pires, and into Portuguese works by Jan Huygen van Linschoten (with Rui Manuel Loureiro), J. J. Slauerhoff and Cees Nooteboom (with Patrícia Couto).*



A esse contacto se deve a entrada – algo prematura, diga-se – de Slauerhoff na história literária portuguesa. É que na página 367 (ou seja, no vigésimo quarto fascículo da publicação, impresso em finais de Novembro de 1930) encontramos duas fotografias de Slauerhoff, na secção dedicada à vida e obra de Camões. Uma tinha como legenda: “O busto de Camões na Gruta de Macau. Ao lado o Dr. Slauerhoff, médico holandês e autor de várias poesias sobre Camões e um livro (ainda inédito) sobre a vida do poeta no Oriente.” A outra dizia: “O Dr. J. Slauerhoff, médico a bordo do *Flandria* e autor de volumes de prosa e verso muito apreciados.”

Ora, a primeira fotografia encontra-se hoje na contracapa do livro publicado que, por sua vez, é o romance referido na legenda. O romance, intitulado *Het verboden rijk* (O Reino Proibido), só foi publicado em 1932. Slauerhoff demonstrou a sua gratidão pelo gesto de Sampaio, dedicando-lhe o Prólogo do romance.

## LITERATURE

Sabemos que em 1930 o romance estava longe da sua conclusão. O projecto datava de inícios de 1927, quando Slauerhoff passara o fim do ano em Macau, onde conseguira comprar um exemplar da malograda segunda edição revista e aumentada do estudo *Historic Macao* (1.ª ed. 1902) de C. A. Montalto de Jesus, edição essa que, como é sabido, foi destruída em auto-da-fé por ordem das autoridades portuguesas, logo depois de ser posta à venda, escapando muito poucos exemplares. O livro só foi pela primeira vez publicado em português em 1990: *Macau Histórico* (Macau: Livros do Oriente). As primeiras poesias de Slauerhoff dedicadas à figura de Camões datam de 1928. Para além do livro de Montalto de Jesus, que forneceu dados sobre a história de Macau dos quais Slauerhoff se aproveitou amiúde, seria decisiva para a génese do romance a influência da biografia *Das Leiden des Camoes, oder Untergang und Vollendung der portugiesischen Macht* de Reinhold Schneider, publicada em 1930.

É importante referir que os dois estudos – um sobre Macau, outro sobre Camões – partem de um conceito histórico similar que se deixa enquadrar numa visão da história cultural que gozava de uma grande popularidade entre os intelectuais da época entre as duas guerras mundiais, em grande parte devido ao êxito retumbante de *Der Untergang des Abendlandes* (O Declínio do Ocidente, 1918-1920) de Oswald Spengler, que, no rescaldo da primeira grande guerra, prognosticava o fim da cultura ocidental, baseando-se num conceito histórico em que as culturas eram consideradas como organismos vivos que seguiam a lei da Natureza: nascimento-ascensão-declínio-morte. O estudo de Montalto de Jesus ligava a situação ruínosa da colónia portuguesa do seu tempo à decadência do país materno, enquanto Schneider ressaltava a figura de Camões como expoente da tese, hoje em dia contestada por historiadores, do declínio do império português e da pátria que perdeu a independência no ano da morte do poeta.

Na verdade, Slauerhoff dificilmente poderia ter encontrado fontes que melhor exprimissem a sua própria visão do mundo. Considerava-se um rebento tardio de uma cultura ocidental que se encontrava numa fase de acentuado declínio. Bem longe estavam os tempos dos grandes feitos, descobertas e conquistas do mundo ocidental que, desde a sua juventude, tanto o seduziram. Vivia-se um período de lânguida agonia,

em que todas as aspirações a fama ou grandeza eram excluídas. A sua própria fraqueza física servia-lhe de metáfora dessa decadência (tal como no caso de um Camilo Pessanha), ao passo que, com as últimas forças, se revoltava contra o seu inevitável destino histórico ou tentava encontrar um *modus vivendi* digno da época e da sua pessoa. Até a força criadora do espírito ocidental se tinha esgotado, já não se abriam novos caminhos nas artes ou nas ciências. Com saudade, Slauerhoff olhava para as grandes épocas passadas da civilização ocidental e desesperadamente buscava pontos de identificação com figuras históricas que o pudessem inspirar. Entre essas figuras destacavam-se os grandes descobridores e conquistadores (Colombo, Vasco da Gama, Gengis Kahn, Napoleão) e poetas “malditos” como os franceses Baudelaire, Corbière, Rimbaud, Verlaine e Villon, o chinês Bai Juyi, o alemão Hölderlin e o português Camões. Buscando o contacto espiritual com esses poetas, tentava encontrar a inspiração criadora que lhe faltava como homem ocidental do século vinte. Considerava essencial a influência de congéneres antepassados para chegar a criações próprias. Afirmava a sua identidade através de uma penosa luta entre a influência necessária e o domínio dessa influência, pois existia sempre o risco de ser dominado ou até de ficar possesso pelos espíritos do passado que evocava. Nessa luta, para dar um cunho pessoal às suas criações de inspiração alheia, moldava e torcia a realidade histórica para lhe imprimir uma imagem própria.

Seria ir longe demais dar aqui uma explicação mais pormenorizada da poética de Slauerhoff. Basta dizer que era única na literatura neerlandesa da sua época e que se enquadra na tradição modernista que ia nascendo na Europa e onde encontramos o James Joyce de *Ulysses*, o Ezra Pound de *Cathay* e os *Cantos*, o T. S. Eliot de *The Waste Land* e *The Hollow Men*, ao lado do Robert Musil de *Der Mann ohne Eigenschaften*, do Hermann Broch de *Der Tod des Vergil* e do Fernando Pessoa dos heterónimos. Encontramos na obra de Slauerhoff toda a problemática da identidade e personalidade, da unidade e fragmentação da personagem e do texto literários, da intertextualidade e da criação.

*O Reino Proibido* – o título refere-se obviamente à China mas ao mesmo tempo à felicidade ou à realização pessoal – é na verdade uma obra modernista ou, talvez devêssemos dizer, proto-modernista, já que

## LITERATURA

apresenta uma curiosa mistura de elementos que só mais tarde se deixaram em parte enquadrar na escrita modernista propriamente dita. A modernidade de Slauerhoff podemos talvez caracterizar como uma mistura de Romantismo e Simbolismo posta a ferver dentro da panela de pressão da problemática “condição humana” da época entre-guerras. Para os contemporâneos de Slauerhoff, o livro era nada menos do que um enigma. Críticos e leitores pensavam que tinham entre mãos um romance histórico ou um romance de aventuras. Mas, se considerado assim, quebrava todas as regras do género. O enquadramento histórico não correspondia de forma alguma aos factos. Ainda por cima na Holanda pouco se sabia acerca da história de Macau ou da vida de Camões, pelo que era impossível confrontar os dados do romance com os factos históricos, uma confrontação que é de extrema importância na interpretação do livro. Para complicar as coisas, Slauerhoff tinha optado por um estilo pouco convencional, implícito em vez de explícito, de uma densidade de significado que o aproximava à poesia simbolista e modernista, repleto de alusões intra- e intertextuais, mudando freneticamente de perspectiva. Os críticos chegaram até a dizer que o livro era uma incursão completamente fracassada do poeta no domínio do romance ou um texto que apenas poderia ser entendido como concebido sob o efeito do ópio.

Hoje em dia, habituados que estamos aos produtos do modernismo, do surrealismo, do “nouveau roman” e do pós-modernismo, e às práticas da crítica autonomista e desconstrutivista, o livro tornou-se mais acessível, embora continue a surpreender pela sua arrojada concepção. Agora que vemos séries e filmes como *The X-files*, *The Immortals* ou *Matrix* e que lemos “Profecias Celestinas” ou outras reputadas obras-primas da *New Age*, aceitamos com maior facilidade a apresentação de fenómenos supra-naturais e realidades virtuais.

É que, bem vistas as coisas, o que Slauerhoff apresenta em *O Reino Proibido* é um mundo virtual. Começa por parecer uma realidade histórica mas não o é. É uma ficção carregada de simbolismos e significados, onde factos e figuras históricos são manipulados para servir as intenções do autor, que os coloca dentro do esquema do declínio da civilização ocidental, do império português na Ásia e de Macau. Uma das personagens principais é uma imagem virtual de Camões. É uma interpretação muito Slauerhoffiana do poeta como exilado, vagabundo e poeta maldito que nos dá, de certo



Em cima e nas páginas seguintes: fotos de Slauerhoff em Macau, em 1926.

modo, um retrato de aspectos mitificados do próprio Slauerhoff. Ele também, dentro do mito pessoal que foi construindo na sua obra, se via como poeta maldito, exilado e vagabundo. A outra personagem principal é um radiotelegrafista irlandês dos anos vinte, significativamente anónimo. Também esta foi moldada à imagem do próprio Slauerhoff. É um “homem sem qualidades” na terminologia de Musil ou um “homem oco” na terminologia de Eliot, um expoente da decadência da cultura ocidental. Depois de um naufrágio, o radiotelegrafista passa por uma pesada crise de identidade, para a qual o próprio naufrágio serve de metáfora. Não tem um objectivo na vida e procura o contacto com um espírito do passado para se livrar do seu próprio vazio existencial. Este espírito anuncia-se durante uma viagem de barco para o Oriente. Mais tarde

## LITERATURE

revela-se como sendo o espírito de Camões, que acaba por se apoderar do radiotelegrafista e por lhe impor a sua vontade, quando o radiotelegrafista vai a terra na costa chinesa perto de Macau. Em seguida, retomada a vida de bordo, o navio do radiotelegrafista é assaltado por piratas chineses – outra metáfora, desta vez para a despersonalização do radiotelegrafista –, que o levam para o interior da China, onde, no deserto, coincide com Camões, que, na realidade virtual de Slauerhoff, se perdeu no mesmo sítio quando, como soldado raso, fazia parte de uma embaixada portuguesa a Pequim. É a força de vontade de Camões, que tem de cumprir o seu destino (escrever *Os Lusíadas*), que toma conta do radiotelegrafista despersonalizado. A personagem dupla, movimentando-se no mundo do século vinte, volta a Macau, onde, nas ruínas de São Paulo, regressa ao passado e toma parte na defesa da ilha contra o ataque de uma armada de invasores na qual podemos reconhecer a invasão holandesa de 1622, que o autor deslocou para o século dezasseis, pois, como é sabido, Camões já tinha morrido na altura do ataque. A personagem dupla tem um papel decisivo na vitória sobre os invasores. Quando é atacada por um negro (representação da raça de escravos) mata o agressor e depois as duas personagens separam-se de novo. A acção simboliza a libertação da influência do espírito do passado e o regresso do radiotelegrafista à sua própria identidade. Camões fica desmaiado no chão. Perdida a sua memória, refugia-se na gruta de Macau, onde se dedica unicamente à composição do seu poema, *Os Lusíadas*. Podemos, portanto, concluir, que a influência de Camões sobre o radiotelegrafista lhe possibilitou escapar do deserto chinês e reencontrar o seu destino como poeta (e não como conquistador, como anteriormente sonhara). O radiotelegrafista, de volta ao século vinte, acorda num hotel chinês em Macau e lembra-se apenas vagamente das suas aventuras, que lhe parecem oníricas. Percebe que não pode fugir no passado e que tem de procurar o seu destino no mundo actual. Pensa poder encontrar o seu destino numa vida meditativa de eremita, no interior profundo da China.

As vidas de Camões e do radiotelegrafista representam apenas duas linhas do enredo do romance. Há ainda duas outras: uma é uma linha histórica, que serve de pano de fundo para todo o enredo. É a história do império português, desde as primeiras descobertas, passando por Vasco da Gama e Albuquerque, e pelas primeiras presenças portuguesas na China (Liampó

[baseado no resumo de uma parte da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, que Slauerhoff encontrou no livro de Montalto de Jesus], a embaixada de Tomé Pires, a fundação de Macau, etc.) até aos anos vinte do século vinte. É a história da ascensão e do declínio do império. A quarta linha é a história de Macau, desde a fundação até aos dias do radiotelegrafista. A colónia, fundada numa época em que já fraquejava a força dos grandes descobridores, não consegue autonomizar-se e fica dependente do país materno e de Malaca, por um lado, e da China, por outro. De ambos os lados qualquer aspiração à independência é sufocada. A colónia entra em declínio com o país materno e, moribunda, prolonga a sua existência agonizante, ainda piorada pela ascensão de Hong Kong desde meados do século dezanove. As figuras de Camões e do radiotelegrafista – e todas as outras personagens do romance – funcionam dentro do mesmo conceito histórico. Camões já não tem a força de vontade dos grandes descobridores e conquistadores. Sonha com grandes feitos mas apenas consegue imortalizá-los na sua epopeia. O radiotelegrafista é um descendente de naufragos da Invencível Armada que deram à costa da Irlanda (um país subjugado pelo ingleses, onde os naufragos passaram a ser escravos dos irlandeses). Por esta via também está ligado ao destino histórico dos portugueses. A sua situação na curva do progressivo declínio faz do radiotelegrafista um companheiro de fortuna de Macau do seu tempo. Ambos têm, no entanto, pela sua origem mista (Macau: chinesa-portuguesa; radiotelegrafista: portuguesa/ibérica-irlandesa/celta), maneiras de se defender contra a decadência lusa. Da parte de Macau, essa força de resistência concretiza-se na forma da deusa A Ma O (cujas lendas Slauerhoff encontrou no livro de Montalto de Jesus e que lhe inspirou também um conto), que se opõe de muitas maneiras à presença e ao domínio dos portugueses. Da parte do radiotelegrafista, a remota ascendência celta: soldado e vagabundo, e uma salvadora influência inglesa que se apresenta em momentos decisivos, fornecem uma maneira de combater a influência dominante e o vácuo psíquico e mobilizar as forças necessárias para procurar o seu próprio destino.

Dentro da totalidade da obra de Slauerhoff, o romance tem um papel fulcral, pois representa num plano simbólico a problemática da influência/inspiração que dominava a poética do próprio poeta.

## LITERATURA

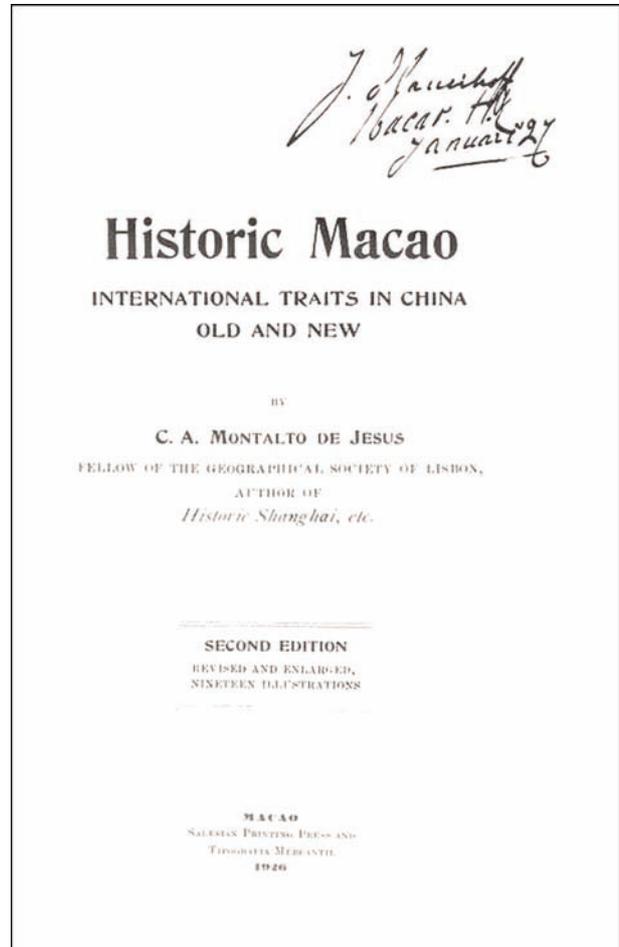
O radiotelegrafista funciona como uma metáfora do poeta que capta as mensagens dos seus congêneres antepassados e que tem de dominar essa influência para manter a sua individualidade na obra que realiza. Nesta representação da inspiração poética Slauerhoff criou um pendente moderno da Musa antiga, tão amada e temida pelos poetas clássicos, classicistas e românticos. Mas, ao mesmo tempo, o livro é nada menos do que um testemunho aterrador da crise de identidade do homem moderno.

O que é extremamente interessante é que sobreviveram vários textos de Slauerhoff que lhe serviram mais tarde de material para o seu romance e onde podemos ver a gênese da obra em marcha. Após a sua morte foram encontradas no seu baú de viagem um *Diário* e as folhas onde apontara impressões da sua primeira visita a Macau, na passagem de ano de 1926-1927 (publicadas em *Het China van Slauerhoff*). Trata-se de rascunhos que datam provavelmente de Janeiro de 1927. Foi igualmente encontrado na sua biblioteca um exemplar de *Historic Macao*, que terá comprado em Macau ou Hong Kong. No frontispício anotou: “J. Slauerhoff / Macao H.[ong] K.[ong] / Januari [19]27”.

Levaria longe de mais transcrever o texto todo, mas, para dar uma impressão, traduzo aqui alguns fragmentos que mostram a sua visão de Macau da altura. Para perceber a sua perspectiva da colónia portuguesa, convém lembrar que andara há mais de um ano embarcado nos mares do Extremo Oriente. Sentia-se desenraizado, afastado da cultura europeia e incapaz de um verdadeiro contacto com o mundo oriental que, no entanto, continuava a fasciná-lo, ao passo que a bordo quase não tinha convivência intelectual.

No último dia do ano de 1926, Slauerhoff chega pela primeira vez a Macau, a bordo do *Sui An*, vindo de Hong Kong, onde o seu navio estava aportado por algum tempo.

“Foi, com certeza, há muito que deixei Hong-Kong, a cidade inglesa no Extremo Oriente, para chegar aqui ao Mediterrâneo. Ainda não sei onde, desconfio que seja algures na costa espanhola entre Valência e Barcelona. Avisto uma catedral, um farol branco no cimo duma rocha, casas com *loggias* abertas e uma linda avenida numa curva à volta da baía. Mas não está ali escrito, em letras garrafais no cimo de uma rocha, Hotel Boa Vista? Então, será Portugal? Portugal



Frontispício de *Historic Macao*.

não tem costa mediterrânea. O navio muda de rumo e vejo, para susto meu, que a catedral altiva consiste apenas numa fachada, por detrás nada mais do que ruínas. Agora consigo descortinar algo por entre as duas colinas, entre a fortaleza e a colina do farol. Por detrás distingo inegavelmente telhados chineses. Onde estou, na China ou no Sul da Europa?

O barco circunda um rochedo, uma encosta nua, e depois... China, inegável: um porto repleto de juncos, um cais cheio de um formigueiro amarelo, uma fila de casas com caracteres a descer a prumo, vielas estreitas e no ar o fedor familiar de peixe, fritos, suor e sei lá que mais.

Foi um sonho que por momentos levantou o exílio no Extremo Oriente.

O barco é atracado e tomado por uma invasão de cules. Devagar devagarinho abrimos um caminho pela multidão, pelos montes impressionantes de

## LITERATURE

bagagem que se encontram no barco e no cais. O viajante é cercado por dez, cem riquexós. Uma corrida pelas ruas estreitas, passando por lojas, casas de *fan-tan* e edifícios de janelas altas e gradeamentos pesados, os barracões, as armazéns de cules contratados, ou seja, escravos, que foram exportados daqui até 1867 e ainda hoje são exportados de Hong-Kong, embora o negócio aí pareça mais humano pois numa ilha não há uma necessidade tão grande de barracas gradeadas.

Será que repentinamente recaí de acordado para o sonho? Uma praça, um jardim, bancos, uma fonte à esquerda, uma catedral à direita, alguns edifícios altos e brancos, um dos quais a “Casa do Senado”, outro os Correios. E depois de uma curva: a deliciosa marginal, ampla e branca, com bancos e uma balaustrada do lado do mar. Aqui não quero andar de riquexó. Saio e vou à frente, a pé. O vento do mar provoca um leve sussurrar nas árvores, a baía está abandonada, as casas num silêncio completo. Na avenida da praia, alguns coches passam num trote suave.

Dou comigo frente à rocha com a qual acordei ou comecei a sonhar. Hotel Boa Vista. O hotel situa-se cem metros acima de mim. Lentamente subo o caminho em ziguezague e cinco minutos depois estou sentado num quarto nu e frio. Uma cama num soalho de tábuas, um lavatório, duas poltronas de madeira e uma mesinha frágil.

Mas ao longo de dois lados do hotel estende-se a *loggia* que tenho só para mim, tal como o jardim lá em baixo cheio de espaços de sol e de sombra.

A Praia Grande curva-se para ambos os lados, a sul terminando num jardim de arvoredos frondosos, a norte desaparecendo em volta do rochedo que suporta a fortaleza do Monte.

A falésia íngreme separa este local da Boa Vista do que fica por trás. Na baía não se vê nenhum junco, apenas dois pequenos cruzeiros no horizonte.

Em escadaria, todos com varandas abertas e janelas em arco de pedra cinzenta, os edifícios rodeiam o ancoradouro, ultrapassando a crista dos montes. Os mais altos são a catedral de Santo António, a fachada de São Paulo e a coluna branca do farol da Guia.

Por entre as casas, as árvores levantam as suas coroas angulosas como lustres. Pela Praia anda muito lentamente uma carroça antiquada, uma liteira sobe uma encosta. Nenhum telhado chinês mostra as suas formas curvadas no meio do arvoredos. Como uma gravura antiga, tão nitidamente recortado, Macau jaz

contra o azul pesado do céu da tarde. Até mesmo as nuvens a passar têm contornos nítidos e penas suaves, como se burilados. A China está ausente nesta imagem. Ela volta a estar presente com a entrada do velho *boy* que vem trazer água.

É o dia da passagem de ano. Atrás de mim ficou um ano que passei embarcado sem interrupções entre a Índia holandesa e a China, sempre no mundo oriental, sempre condenado à existência estreita do marinheiro. Quis fugir da vida de uma pequena sociedade e fui amarrado à vida mais limitada que existe na Terra, e mesmo no Extremo Oriente, a tacanhez holandesa continua a rodear-me de uma forma sufocante. Apenas pode ser evadida numa atmosfera que os ingleses encheram com a sua presunção e enfado (Hong-Kong, etc.)

Que consolo errar por uma cidade de civilização antiga, conhecido por ninguém mas todavia cumprimentado por alguns, onde, num jardim pequeno, mulheres entrelaçam flores nos cabelos negros. Que milagre desembarcar, no derradeiro dia de um ano de exílio, num vestígio da cultura mediterrânea.

Pensamentos tão profundos não me ocupavam naquele momento. Apenas me sentia, pela primeira vez após meses e meses, em perfeita harmonia com o ambiente, e isto provoca uma felicidade que é incomparável àquela em que a vida se exprime.

Macau era solitária, decadente e fatigada, e eu também. Macau perdurava numa beleza própria, à



## LITERATURA

margem, apesar de Hong-Kong, apesar da supremacia inglesa, da perda das colónias, da podridão da mãe-pátria. Perdurava como por milagre. Então, por que havia eu de perecer inteiramente?”

O que o atrai no enclave português são as ruínas, os vestígios do esplendor do passado. Macau representa a decadência da civilização ocidental, da qual a fachada da catedral de S. Paulo é o símbolo máximo. Ao mesmo tempo, e paradoxalmente, Macau, situada no Extremo Oriente, junto da imensa China, permanece como única esperança para uma regeneração. Macau é uma zona de transição entre a cultura ocidental e a vasta imensidão do vazio impessoal que a China representa para Slauerhoff. É o lugar onde encontra um ambiente em perfeita sintonia com a sua própria alma fatigada e decadente.

Nos dias que passou em Macau ganhou inspiração para o seu primeiro romance, no qual a colónia viria a desempenhar um papel crucial. Slauerhoff associa a cidade a um ambiente onírico e irreal onde o tempo parece estar suspenso, onde o presente coincide com o passado e o Ocidente com o Oriente. É nesta atmosfera de decadência e estagnação que se desenrola grande parte de *O Reino Proibido*.

Tudo leva a crer que tenha sido na sua primeira estadia em Macau que nasceu também o seu fascínio por Camões. Visitou a gruta do poeta e nos seus apontamentos descreveu um encontro imaginário com ele:

“Sabem quem foi o primeiro ser humano com quem contactei em Macau? Luís de Camões.

Nessa tarde silenciosa, em que tudo jazia num sossego de domingo, fui à procura da Gruta, ou Patane, como também é chamada a sua habitação.

Não foi fácil de encontrar. Tive de passar por muitos becos sinuosos e escadarias até dar com o lugar onde escreveu, não digo “viveu”, porque conheço o exílio demasiado bem e sei que o exilado vive algures a milhares de léguas de distância, onde não está o seu corpo, apenas os seus pensamentos, que encontram cada vez menos para pensar.

Encontrava-me desiludido frente a uma cancela, atrás da qual havia um jardim e uma casa, ambos de um abandono e falta de estilo que me entristeciam. Não obstante, decidi entrar pela cancela e dei a volta à casa sem ser incomodado por ninguém, muito menos pela bonita rapariga que atrás de uma janela entreaberta na cave estava ocupada em tarefas domésticas.

Passando por uma estufa com vidros partidos e plantas caídas, subi por um caminho estreito para um rochedo coberto de vegetação e encontrei, bem escondida atrás de uma borda rochosa cheia de vegetação, a Gruta, que parecia uma anta aberta, decorada de forma simples mas sumptuosa. O busto muito parecido de Camões encontra-se numa coluna no meio, e em volta há placas de mármore com fragmentos inscritos de Tasso, dos *Lusíadas*, uma saudação de Rienzi, exilado como ele, e uma inscrição chinesa que o exalta como um sábio ao gosto de Confúcio.

Tudo isto desaparece quando o vejo sentado num dos bancos de pedra tosca. Reconheço-lhe as feições emagrecidas e a cara esguia, ainda alongada pela perinha, o seu traje apodrecido mas pomposo. Ainda há algum ruído longínquo da cidade e do sussurrar do vento nas folhas que parecem feitas de couro, mas ouço apenas a sua voz monótona que conta o seu sofrimento.

O que Camões conta é, em resumo, o que Slauerhoff mais tarde contaria da vida do poeta no seu romance. A visita à gruta – sem o encontro com Camões – descreveu-a num dos apontamentos de viagem que publicava com alguma regularidade em jornais da Índia holandesa e que foram reunidos postumamente no volume *Alleen de havens zijn ons trouw*. Tudo leva a crer que também o relato da sua primeira visita a Macau fora projectado para servir de apontamento de viagem. Mas o texto avolumou-se e transbordou, por assim dizer, a ideia inicial, mudando de reportagem para ficção e transformando-se na sinopse de um romance. De facto, os apontamentos contêm quase todas as linhas gerais do romance e até a caracterização da maioria das personagens. Até mesmo a figura do radiotelegrafista irlandês tinha o seu pendente na realidade: na verdade, Slauerhoff encontrou um radiotelegrafista de origem irlandesa em Macau, que o convidou para um passeio de carro com uns outros senhores. Acabaram o passeio ao crepúsculo no farol da Guia, onde esperaram até o farol começar a funcionar:

“Chegados ao cimo, um comenta que cada um de nós representa uma nação, todas nações pequenas cuja maioria entrou em declínio e teve um papel de opressora. Um português, um irlandês, um polaco, um holandês e um espanhol. Um longo silêncio geral torna-se pesado. Mas nisto acende-se a luz e tenho a

## LITERATURE



impressão de que ao longo dos raios, a partir deste local abandonado e ameaçado, cada qual lança um olhar saudoso para o seu país e todos juntos para a Europa, que, talvez (ela) também, daqui a algumas décadas deixará de ser Europa, deixará de ser uma pátria maior.”

Slauerhoff voltou a Macau pelo menos mais uma vez. Do seu *Diário* (*Dagboek*) sabemos que, em Março de 1927, visitou de novo a gruta de Camões e que gozou a hospitalidade de um macaense que trabalhava no seu navio, muito provavelmente o marido de uma senhora Da Silva a qual tinha assistido como médico de bordo num parto complicado, na passagem de Balik Papan para Hong Kong, em Fevereiro. No *Diário* encontramos também outras impressões de Macau, que mais tarde foram aproveitadas para as crónicas ou para o romance, ao passo que evocou o enclave também em vários poemas – quatro dos quais foram publicados, em 1928, no livro de poesia *Oost-Azië* (Extremo Oriente), numa secção intitulada ‘Macao’

e dedicada ao seu colega ‘Constância José da Silva’ (Constâncio José da Silva ou Conceição e José da Silva?). Segue-se aqui uma pequena antologia de crónicas e poemas. Nota-se bem a diferença entre as crónicas factuais com o seu estilo de reportagem e o carácter de ficção dos poemas, onde a distorção da realidade para a visão ‘poética’ mostra claramente a perspectiva pessoal de Slauerhoff, perspectiva essa que serviria de base para *O Reino Proibido*, tanto no que diz respeito à imagem de Macau como à sua interpretação da figura de Camões.

## SANTUÁRIO DE A MA O

Uma ponta do telhado e uma delgada coluna de fumo revelam onde entre os rochedos se encontra o santuário meio escondido de A Ma O. Um caminho sinuoso leva até lá, entretanto ouvem-se os estoiros do fogo de artifício e o som monótono e penetrante de cordas. É construído em madeira vermelha e dourada, cercado por rochedos e protegido por dragões que serpenteiam pelas colunas. Uns monstros marítimos domados jazem no adro da entrada. Na penumbra do santuário A-Ma está sentada no seu trono, esboçando um sorriso malévolos. Ela atrai os tufões e doma-os antes de poderem devorar os juncos indefesos lá fora. É uma deusa benévola, não tão má como parece.

Aqui, velhotas sobre pernas que metem dó e pezinhos ainda mais pequenos do que os das meninas de poupinha na testa, aproximam-se do balcão, atirando umas moedinhas de cobre para a caixa. O sacerdote, a dormir, entrega-lhes os pauzinhos de incenso. Levando-os à sua frente como se fossem um ramo de flores, arrastam-se timidamente para a eternamente acesa lanterna de braços, onde os acendem, sorrindo felizes quando pegam logo – um bom sinal – e vão espetá-los na areia que espera as oferendas perfumadas numas caixas grandes frente à barriga da deusa. Os pauzinhos a fumar espalham um cheiro penetrante. Pela sonolência lânguida do templo reverbera de vez em quando o gongo, as mulheres e crianças entram e saem. De repente, desce um vento forte, os pauzinhos apagam-se, a grande lanterna cintila violentamente, as sombras vacilam e A-Ma mostra um esgar ameaçador, como se numa prova de esforço. As velhotas cerram os punhos e vão-se embora, puxando as crianças pelo braço.

## LITERATURA

À noite, árvores são desenraizadas, telhados torcidos e levantados, rochedos atirados para o mar. E na manhã seguinte, juncos virados, o aparelho desfeito e caído de lado, entram na baía flutuando sobre a maré.

‘A-Ma-gao’s heiligdom’, in diário *De Locomotief*, 17/09/1927

## MÁGICO MACAENSE

Forma-se um pequeno ajuntamento popular um pouco além do ancoradouro dos juncos em Macau. Num tapete vermelho, à beira-mar, está sentado um mágico.

Ponho desde logo uma grande confiança no homem. Não se esconde num cantinho de uma sinuosa viela obscura, nem tenta camuflar os seus truques nos vincos e braços amplos de uma túnica larga. Meio nu, numas calças justas pretas, está sentado num sítio onde pode ser observado de todos os lados.

Bate num pequeno tambor, os espectadores vão-se aproximando, faz uma reza curta ao deus das raposas enquanto moedinhas de cobre caem no tapete. Quando acha ter rezado e reunido o suficiente, começa a fazer malabarismos vertiginosos com quatro bolinhas vermelhas, que voam pelo ar, desaparecem e voltam a aparecer nos sítios mais inesperados: dos seus olhos, cabelos e outras partes do corpo que não nomearei. Aproximo-me com curiosidade. Os ditos misteriosos que acompanham este jogo emudecem, as quatro bolinhas ficam alinhadas no tapete. De repente, parece paralisado. Um sorriso largo na cara. Será que uma moeda de prata tem algum resultado? Sim, volta a mexer, tira de um cesto uma serpente longa e fina a estrebuchar e sem medo enfia o animal pelo nariz acima. Recuo, repugnado, o público abre algum espaço, mas mantenho-me no lugar, curioso por ver no que isto vai dar. Tira a cabeça do bicho da garganta, pega no rabo que ainda está dependurado do nariz e começa a movimenta-lo violentamente de cima a baixo, como se quisesse cortar o céu da boca à serra. Mas com um puxão repentino tira o animal para fora, para o tapete, e leva ao ouvido um objecto de madeira na forma do auscultador de um telefone: “Hello mistel stlange devil. How ale you? Like snake tlick!” Risos de escárnio. O ‘stlange devil’ põe-se a andar e o círculo volta a fechar-se em volta de milagres que certamente não se destinam a olhos ocidentais.

‘Macaose tovenaar’, in diário *De Locomotief*, 17/09/1927

## O MONUMENTO A CAMÕES

Numa tarde abrasadora, permiti-me um passeio através de um labirinto fedorento e um formigueiro de pessoas, para visitar um local único na China e em toda a Ásia oriental: o monumento dedicado a um famoso poeta europeu! Seria obviamente escusado procurar tal coisa numa colónia inglesa. Encontrei-a em Macau, a última e decadente possessão portuguesa no Oriente, onde outrora dominavam. Desprezado por aqueles que avaliam um lugar pelo movimento de negócios, amado por aqueles que sabem ainda sentir o que evoca, o que aqui é muito: a atmosfera de um passado glorioso e o encanto do sul-europeu no outro lado do globo, portanto duplamente exótico.

Curiosamente, uma pessoa tem de deixar esta atmosfera para trás e passar pelo referido labirinto para chegar ao monumento, a Gruta de Camões, situada na mesma solidão que foi a da sua vida entre os seus compatriotas.

Um jardim desleixado, flanqueado por estufas de vidros partidos, e ao fundo um outeiro coberto de vegetação. Lá em cima, ergue-se uma estrutura de pedras grandes que no meio deixa aberta uma espécie de câmara, fechada à luz do dia pela sombra das árvores. Que local ermo. Conta-se que Camões escreveu aqui *Os Lusíadas* e aqui se refugiava. Conta-se também que deu à costa como náufrago, o seu manuscrito na mão erguida, para evitar que se molhasse.

Deve ser um mito.

Em cima do pedestal, onde se encontram exaradas estrofes de *Os Lusíadas*, está um busto pequeno com péra e gola de renda, género Guilherme, o Taciturno. Nos bancos em volta estão sentados jovens chineses em traje faustoso. Não se incomodam com a cara estrangeira.

Nas paredes de rocha foram colocadas placas de mármore com versos de Tasso, Quevedo, Sir John Bowring e outros. Faço algumas cópias sem a assistência fazer comentários. Acham possível que um chinês, em Amsterdão, possa fazer, por exemplo, um desenho de Thorbecke, na praça do mesmo nome, sem ser molestado?

Em retribuição da cortesia, não importuno o cule que dorme no nicho onde está gravado o pranto e a saudação que Rienzi dirigiu a Camões (“*voyageur, poète et soldat comme lui*”), apesar de o seu corpo estendido ao comprido me ocultar as linhas finais.

‘Camoës’ monument’, in diário *De Locomotief*, 24/09/1927

## LITERATURE

## OS JUNCOS

Ocultos pelas escuras colinas,  
Um momento expostos pela aurora,  
De novo recebidos no regaço das neblinas,  
Esvoaçam da baía os juncos silenciosos.

Antes do amanhecer dispersaram-se nos horizontes,  
À pesca, invisíveis daqui, a séculos de distância.  
Só a escuridão faz regressar o vento e os fantasmas  
Para entre os rochedos, debaixo da primeira estrela.

Com velas vagarosas e muito vergados,  
Numa velhice que resistiu às tempestades,  
Passam pela vasta solidão, o abismo diante os olhos,  
Escancarados dos dois lados da proa.

De: *Oost-Azië* (1928)

## CATEDRAL DE S. PAULO

Qual penhasco a pique ergue-se a fachada  
Diante do santuário em profunda ruína,  
Varrido da terra; nem uma coluna  
Resta da antiga pompa por graça divina,

Apenas a parda lápide vertical  
Que sobe no horizonte da escadaria liminar,  
Dominando o espaço aberto, templo do sol  
Sob a redoma celeste a perder de vista.

Pelos buracos de janelas na parede  
– Santos destruídos com o seu vitral –  
Penetra agora o vivo azul natural;  
Entram e saem aves e raios voando.

Os todo-poderosos empedernidos,  
A mãe de Deus suportando o globo,  
O rei dos oceanos diante a sua frota,  
Na sua santa impaciência derrubaram

As paredes e colunas atrás de si,  
Tornando dignos de pano de fundo  
Apenas vasto céu e largo mundo,  
De costas para a cidade que se desfaz.

De: *Oost-Azië* (1928)

## CAMÕES

Passou a juventude no palácio isolado,  
Serviu uma corte demente, frívola e ufana.  
Solitário, ansioso de um destino maior,  
Fugiu para os estados recém fundados.

Pela sua sisudez e seu tiro inseguro  
Desprezado por comerciantes e soldados;  
A bordo, no forte, vítima de pérfidos conluíus  
Que, incapaz de os extirpar, só pôde odiar.

Seu sonho, porém, urgiu ser concretizado:  
Não embarcando em poderosas armadas  
À conquista de remotas terras encantadas,

Compôs na penumbra gélida de uma gruta  
– Poeta maldito, vagabundo e exilado –  
As penosas estrofes d'Os Lusíadas.

(Gruta, Macau)

De: *Oost-Azië* (1928)Tradução de Patrícia Couto e Arie Pos 

## BIBLIOGRAFIA

Em português

Couto, Patrícia & Arie Pos – ‘Camões e Macau num romance neerlandês’. In: *Camões. Revista de Letras e Cultura Lusófonas*, n.º 7 (Outubro-Dezembro 1999), pp. 107-118.

Jesus, C. A. Montalto de – *Macau Histórico*. Primeira edição portuguesa da versão apreendida em 1926. Macau: Livros do Oriente, 1990.

Slauerhoff, J. J. – *O Reino Proibido*. Traduzido do neerlandês por Patrícia Couto e Arie Pos. Lisboa: Teorema, 1997.

Em neerlandês

Blok, W. & K. Lekkerkerker (eds.) – *Het China van Slauerhoff*. Aantekeningen en ontwerpen voor de Cameron-romans. 's-Gravenhage: Nederlands Letterkundig Museum en Documentatiecentrum, 1985.

Slauerhoff, J. J. – *Alleen de havens zijn ons trouw*. Amsterdam: Nijgh & Van Ditmar, 1992.

————— *Dagboek*. Amsterdam: K. Lekkerkerker, 1957.

————— *Verzamelde gedichten*. 11.<sup>a</sup> ed. 's-Gravenhage/ Rotterdam: Nijgh & Van Ditmar [1979].